

2.<sup>a</sup> SÉRIE

N.º 900

*Ilustração Portuguesa*

19  
Maio  
1923

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SECULO»  
Redação, administração e officina:  
RUA DO SECULO, 46 — LISBOA  
Numero avulso, 1\$00 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL  
DE TIPOGRAFIA

Editor — ANTONIO MARIA LOPES

## ASSINATURAS

PORTUGAL, ILHAS ADJACENTES E HES-  
PANHA: Trimestre 13\$00. Semest. 26\$00  
ANO 52\$00 — COLONIAS PORTUGUEZAS:  
Semestre 28\$50. ANO 57\$00. — ESTRAN-  
GEIRO: Semestre 36\$00. ANO 72\$00.



As pessoas que visitam Londres encon-  
tram no Hotel Cecil justamente o que es-  
peram encontrar de um dos hoteis de maior  
fama do mundo: Fodos os confortos e co-  
siuha esmerada. Serviço feito sem ruída e  
sem incomodos. Distinção e alegria.

O Hotel Cecil está magnificamente si-  
tuado exactamente no centro de Londres,  
frente ao rio Tamisa, bem colocado, por  
consequencia, quer para tratar de negocios  
quer para divertimentos. Tem grandes sa-  
lões de jantar, grill rooms, salões aparen-  
temente completos emfim, todas as com-  
didades previstas e necessarias em um  
hotel moderno.

# HOTEL CECIL

LONDON

# Bebam Agua DE S. MARÇAL

TELEF. C. 1566



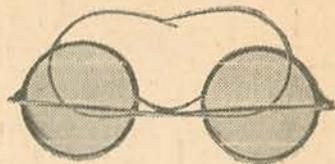
Secção Editorial de "O Seculo,"

Enciclopedia Popular Illustrada Porque, como e para que

Colecção de romances illustrados

Pedidos á administração de O SECULO

A' venda nos logares do costume



Em todos os generos e caixas  
de ensaios para medicos.

Vendas por junto, João de Sá,  
Lt.ª, Rua da Assunção, 25, 1.ª —  
LISBOA.

**Damião & C.ª**  
Especialidade em fatos, vestidos  
e chapéus para crianças  
**57, R. GARRETT, 59**  
LISBOA  
Telefone 2940

**Maquinas  
de escrever**  
NOVAS E USADAS  
Concertos em todos os sistemas de mar-  
cas. Rua Augusta, 76, 4.º — J. Viegas  
Pereira

**BRILHANTES  
— GRANDES —**  
SEM defeitos, e mais joias. COM-  
PRAM-SE e pagam-se por altos preços.  
**RUA AUREA, 201**  
LISBOA

**Atalafaria CENTRO DA MODA**  
PARA HOMENS E SENHORAS  
Completo sortimento de fazendas na-  
cionais e estrangeiras, o que ha de  
mais chic.  
TAMBEM SE FAZEM FATOS A FEITIO  
**Manuel P. Ferreira**  
RUA AUGUSTA, 141, 1.ª

TRABALHOS TIPOGRAFICOS  
— EM TODOS OS GENEROS —

Fazem-se nas oficinas da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA  
Rua do Seculo, 49 — LISBOA

# Todos os "Sports"



O esplêndido «onze» do Nuselsky, de Praga, com os seus jogadores suplentes, pouco depois da chegada a Lisboa

O Nuselsky, de Praga, proporcionou-nos, com a sua vinda a Lisboa, ocasião de apreciarmos o bom *association*, que só um *team* da sua categoria pode praticar.

Dos tres primeiros encontros, que entre nós realizou, ficou, realmente, a impressão de que o Nuselsky é um magnifico grupo, em que ha elementos de incontestavel valor, especialmente nas linhas de ataque e meia defeza.

Todos os jogadores *dribblam* com extraordinária fa-

lego o *half-back* centro, esteve sempre bem colocado e oportuno.

Os defezas, que mostraram sêr trabalhadores, são talvez os jogadores mais fracos do *team*.

O guarda-rede provou bem o seu valôr, pois defendeu superiormente, tendo executado difíceis mergulhos e conseguindo desembaraçar-se do bola em situações críticas.

O primeiro destes tres encontros, em que o Nuselsky se defrontou com o Sport Lisboa e Bemfica, foi, sem duvida, a sua melhor exhibição.

O primeiro grupo a marcar foi o Sport Lisboa e Bemfica, por intermedio de Ribeiro dos Reis. Este jogador aproveitou uma defeza fraca do guarda-rede tcheco-slovaco, quando da marcação dum pontapé de canto, para conseguir enfiar a primeira bola a favor do seu *club*.

A primeira parte terminou com este resultado, 1-0, a favor dos portuguezes, depois de Victor Gonçalves, ainda, ter tido um bom pontapé de recarga e Alberto



Francisco Vieira, guarda-rôde do S. L. B., saltando para uma bola alta

cidade, dominando completamente a bola e passando-a com invulgar pericia.

A linha de avançados, que nos appareceu sempre modificada, trabalha com uma bela precisão, executando passagens curtas e rapidas, e perigosos remates.

Na linha dos meias-defezas sobresauiu o centro, jogador incansavel e correcto, que desempenhou o seu logar como raras vezes temos visto. Possuidor duma gran de corrida e dum optimo fo-



Uma fase do jogo com o Bemfica



*O guarda-rede do Nuselsky preparando-se para encaixar uma bola*

*À direita: um ataque às redes do Imperio*



*Uma intervenção do goal-keeper tcheco-slovaco*  
*À direita: um bom encaixe do mesmo jogador*



Lisboa Club, fazendo-se um jogo violento e menos correcto, que o do desafio anterior.

O Nuselsky dominou durante todo o encontro, falhando, no entanto, alguns remates. O Imperio conseguiu marcar duas bolas, a primeira *shootada* pelo interior esquerdo, e a segunda resultante da aplicação duma grande penalidade, marcada por Varela, que jogou a meia-defeza centro.

O Imperio, não obstante a victoria, que obteve por 2-0, não jogou bem, sobre tudo a sua linha de defeza que ocasionou a marcação de 16 pontapés de canto. O guarda-rede e os dois meias pontas do Imperio, foram os jogadores que mais se salientaram. A arbitragem foi deficiente.

No terceiro desafio, o Nuselsky empatou com os Belenenses por 2-2. As duas bolas dos tchecos foram *shootadas* pelos ponta e meia ponta esquerdos, e as portuguezas por Alberto e Joaquim Rio, a do ultimo na marcação dum *penalty*. O jogo foi bastante violento, especialmente no final, em que o guarda-rede tcheco foi muito magoado.

José Rodrigues arbitrou deficientemente a primeira parte, pelo que os tchecos se recusaram a jogar a segunda, sendo, então, substituído por um jogador do Nuselsky, que foi imparcial.

(Clichés Salgado)

D. C.

Augusto um bom remate, em que a bola bateu na balisa.

Durante a segunda parte do jogo, os tcheco-slovacos enfiaram cinco bolas nas redes portuguezas, sendo antes da ultima que Simões obteve a segunda bola a favor do Bemfica.

Deste grupo salientaram-se:

Alberto Augusto, que reapareceu na linha e fez um bom logar, Herculano, Pimenta, Fernando de Jesus e Simões.

No segundo encontro, jogou o Nuselsky, contra o Imperio



# O Lar



## MÃES E FILHAS

Infelizmente é muito mais vulgar do que se pensa o caso de mães e filhas não se entenderem. Ultimamente alguns casos bem frisantes me têm impressionado e entristecido porque, de todas as infelicidades, creio dever ser essa a maior. É tão bom sentirmos que ha uma pessoa, no mundo, na afeição da qual podemos acreditar, certas de que a encontraremos segura e forte em todos as occasiões! É tão delicioso saber que ha um coração terno, cheio de affecto e compreensão que espera carinhosamente as nossas confidencias!

É tão consolador nas agruras da vida lembrar que ha uma alma que patra sobre nós, não nos abandonando nunca, nem quando pecamos, nem mesmo quando pecamos contra ela!

Companheira das alegrias, companheira das tristezas, confidente das illusões e das desillusões ela deve ser a amiga suprema, a amiga por excellencia. E, no entanto, é raro que assim seja. Porquê? Quem tem culpa? A filha? A mãe? Ambas, talvez; mas na maioria dos casos a mãe, que, anando muito a filha, não lhe proporciona uns certos prazeres e alegrias.

Um dos factos que mais prejudica as relações intimas da mãe e filhas é a mãe esquecer-se tanto que as filhas tem uma personalidade propria, muito sua, que se vai acentuando e desenvolvendo à medida que a creança vai avançando em idade.

Quantas vezes quando os filhos mostram preferencias diferentes das dos paes, estes os querem contrariar ou influenciar. Fazem mal. Tentem persuadi-los: é o maximo que podem fazer; mas, se não conseguirem, não se zanguem nem tomem isso como prova de pouca amizade porque, se assim fizerem, obrigam, na maioria dos casos, os filhos a calarem gostos e opiniões, levantando portanto grandes barreiras nessa intimidade que tanta felicidade dá.

Quantas as filhas desejarem qualquer coisa que as não prejudique, as mães sensatas deixam-nas realizar o seu desejo; a experiencia lhes demonstrará se essa vontade foi pouco justificada ou não. É uma maneira de lhes inculcar e educar o sentimento da responsabilidade propria, qualidade preciosa, mas que toda a mulher deve ter no mais alto grau. O responsabilizar-se plenamente pelas consequencias dos seus actos evita

## CALENDARIO DA SEMANA

### Maio — 31 dias

- 20 — Domingo — S. Bernardino de Sena.
- 21 — Segunda feira — S. Manços.
- 22 — Terça feira — Santo Rita de Cassia.
- 23 — Quarta feira — S. Bazilio.
- 24 — Quinta feira — Santa Afra.
- 25 — Sexta feira — S. Venancio.
- 26 — Sabado — S. Filipe Nery.

muitos defeitos, muitas vergonhas, e até crimes.

A mãe deve arranjar para sua filha um canto da casa a que ela possa chamar seu, que disponha a seu gosto, em que ninguém toque e em que ela possa encontrar a sua alma quando voltar fatigada do contacto com a multidão de indifferentes de que a vida se compõe.

Tambem desde muito nova toda a creança deve ter algum dinheiro para gastar livremente, seguindo o seu capricho, sem ter que dar contas a ninguém. Só assim ela aprenderá a apreciar o valor do dinheiro.

A mãe ideal nunca abre as cartas das filhas nem lhes faz perguntas indiscretas mas, pelo interesse que desde a mais tenra infancia mostra por todos os seus desgostos e alegrias, grandes e pequenas, habitua-as a serem, elas proprias que, lhes veem fazer as suas confidencias.

Foi de todo o coração, minhas senhoras, que palestrei com V. Ex.<sup>as</sup>, talvez pelo instinctivo desejo de querer que os outros partilhem duma felicidade que tenho. Bem hajam as mães que sabem tornar-se companheiras de suas filhas. Elas terão, com certeza, um lugar especial junto de Deus, pela ventura que derramaram na terra!

## OS PERFUMES

A acção dos perfumes varia muito segundo os organismos. Grétry desmaiava com o cheiro de uma rosa. A duqueza de Lamballe não podia suportar o cheiro das violetas. Nero regava todos os seus aposentos com agua de rosas. Luiz XIV vivia no meio de flores de laranja. O marechal de Richelieu não saia dum salão onde havia flores que perfumavam sem cessar a atmosfera. A imperatriz Josephina enchia literalmente o seu gabinete de toilette de almiscar. Mais tarde aproveitaram-se muitas vezes os perfumes para envenenamentos.

## PENSAMENTO

A natureza é mais cruel e maliciosa nas suas vinganças do que a sociedade.

Charles Maurras.

## MENUS DA SEMANA

### Domingo

**Almoço**  
Pescadinhas fritas com salada  
Arroz solto com touchinho entremeadado  
Chá ou café

**Jantar**  
Sopa de lentilhas  
Carne guisada com abobora  
Lombo frito com puré  
Pudim de castanhos

### Segunda feira

**Almoço**  
Salmonete grelhado  
Carneiro frio com azeitonas  
Cacau

**Jantar**  
Puré de hortaliça  
Pastéis de massa tenra com arroz  
Ervilhas com ovos  
Torta de fruta

### Terça feira

**Almoço**  
Ostras de fricassé  
Pudim de batata com carne  
Chá ou café

**Jantar**  
Creme de aveia  
Bacalhau à Bechamel  
Vitela assada com legumes  
Sonhos recheados

### Quarta feira

**Almoço**  
Bifes de cebolada  
Ovos escalfados com molho branco  
Cacau

**Jantar**  
Sopa de rabo de boi  
Pescada grelhada com arroz  
Empada de frango  
Doce de laranja

### Quinta feira

**Almoço**  
Arroz de ameijoas  
Croquetes de galinha com espinafres  
Chá ou café

**Jantar**  
Sopa de pão com ervilhas  
Peixe cozido com batatas e salada de alface  
Carne de porco assada  
Bolo de manteiga

### Sexta feira

**Almoço**  
Bifes panados com batatas fritas  
Pastéis de miolos  
Cacau

**Jantar**  
Sopa à alemtejana  
Lingua estufado com grêlos  
Fava guisada  
Pudim de grão

### Sabado

**Almoço**  
Croquettes de arroz  
Almondegas de galinha  
Café ou chá

**Jantar**  
Sopa de puré de feijão encarnado  
Pudim de arroz recheado de ervilhas e carne de porco  
Frango de fricassé  
Sopa dourada

# Álva Poética



## A' JANELA DOS TEUS OLHOS

Teus olhos são gelosias  
Onde espreitam as pupilas  
; Quem dera dar-te os bons dias,  
Quando resolves abri-las!

Despertas de madrugada!  
— Descerram-se as persianas—  
E a luz d'aurora é coada  
Nas tuas longas pestanas.

Quando Amor é todo abrolhos,  
Faz-te Cupido ne'çaças;  
Baila a chuva nos teus olhos,  
Embaciam-se as vidraças.

Vêr-te chorar, faz-me pena,  
Traduz a mágua teu rosto!  
— Olheiras, côr da gangrena,  
São peitoris do Desgosto.

Pupilas bem dilatadas!  
Graça e viveza no olhar!  
— Janelas escancaradas  
Abertas de par em par.

Beijo os teus lábios risonhos,  
Olho os teus olhos rasgados,  
P'ra vêr meus olhos tristonhos  
Nos teus olhos debruçados.

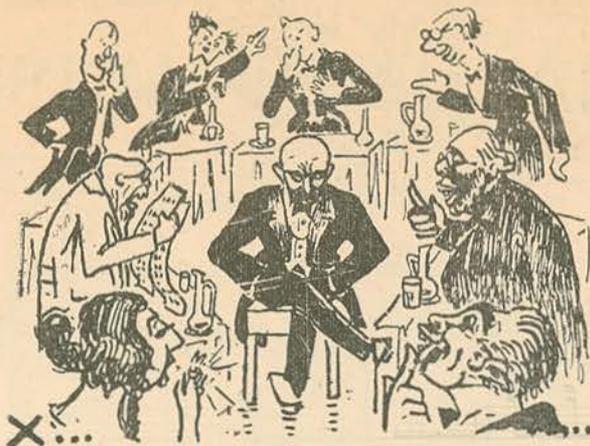
Lanças-me olhares galhofeiros!  
Sorrindo, amor aviventas...  
Lembram, teus lábios, canteiros  
Com sardinheiras sangrentas.

GUILHERME FELGUEIRAS

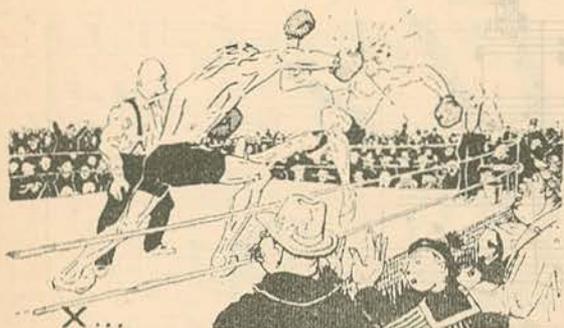
# PRATA DA

# CASA

Por X...



**CONFRENCIOMANIA** — a doença da moda...



**Logica infantil**

— O' papá, por que é que não chamam a polícia?!



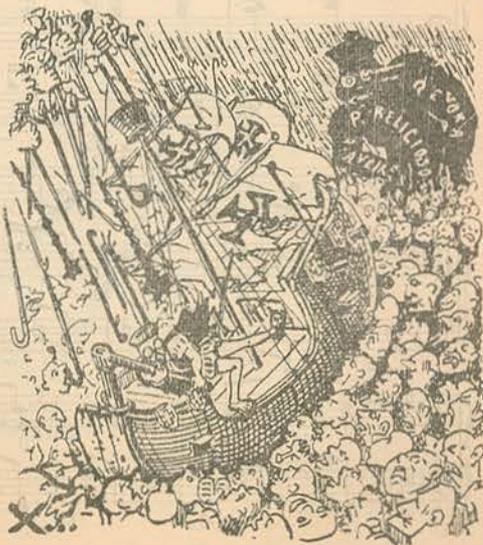
**A eterna questão**

**TORRE DE BELEM** (para o Gazometro) — Tira-te para lá, não me enfarrusques...



**Novos santos da cõrte dos... ceus**

— Valham-me... S. Gag ) C. utinho e S. Sacadura Cabral!



**Cabo Tormentoso**

Os ventos eram taes que não poderam  
Mostrar mais força de impeto cruel,...

(Luziadas — Canto VI.)

Momento musical

Schubert

Allegro moderato

The image displays a page of musical notation for the piece "Momento musical" by Franz Schubert. The score is written for piano and is organized into ten systems, each consisting of a treble and bass staff. The tempo is marked "Allegro moderato". The key signature is one flat (B-flat major or D minor). The score includes various dynamic markings: *p* (piano), *f* (forte), *ppp* (pianissimo), and *dim.* (diminuendo). Performance instructions include "sempre staccato" and "Ped." (pedal) with asterisks. A large, stylized blue watermark is superimposed over the center of the page, partially obscuring the musical notation.

# Livros de Contas



N<sup>O</sup> escritório da pensão de família, que dirigia em cidadezinha não longe de Paris, «Mademoiselle» Petitpas regulava as contas do mez, sentada á sua secretária. Fazia-lhe companhia Musard, um belo cão favorito, dormindo a seus pés.

A casa era uma antiga construção do seculo XVIII cujo rez-do-chão, todo envidraçado, abria para um velho jardim quasi inculto, rodeado de muros cobertos de hera, e estava situada na rua mais socegada e deserta da aludida cidade. Reinava, no edificio, um silencio de convento. Tinha-se a impressão, lá dentro, de que todos os ruidos reveladores de vida vinham morrer á porta da casa.

Iam para ali doentes fazer as suas curas de repouso. Parisienses neurastenicos, senhoras de idade, etc., que chegavam a permanecer anos na pensão de «Mademoiselle» Petitpas, desaparecendo quando lhes apetecia, da maneira mais discreta.

Naquella tarde, o sol de abril dourava as primeiras folhas dos castanheiros. Os lilazes e os pilriteiros começavam a florir. Na rua de entrada do jardim, guarnecida de buxo, saltitava um melro.

A dona da casa, porém, não participava da alegria desse renascimento. A primavera não lhe trazia nenhuma esperança de felicidade... Por vezes, interrompia o trabalho, lançava um olhar pela janela, para o exterior, suspirava e tornava a entregar-se aos algarismos.

Houve um momento em que, depois de uma pausa, de descanço e de meditação, abriu uma gaveta, tirou dela um retrato amarelecido pelos anos e poz-se a contempla-lo.

Representava uma rapariga alta, direita, séria, de lindos olhos ternos. «Mademoiselle» Petitpas mirou-se no espelho antigo que se encontrava na parede, justamente por cima da secretária. O seu olhar era ainda o olhar do retrato, mas fanado, gasto... A boca descaí-lhe em pregas de amargura e as faces tinham o tom de um fructo caído da arvore, antes de amadurecer.

Nessa ocasião ent ou na sala uma creadinha dizendo:

—Minha senhora, está lá fóra um sujeito que diz chamar-se Monsieur Sudrot e deseja falar-lhe.

«Mademoiselle» Petitpas estremeceu; depois, dominando-se, ordenou:

—Manda entrar.

Passados minutos, entrava no aposento um homem de cerca de cincoenta anos. Alto, delgado, grisalho, com certa distincção; tinha um rosto fino, mas sem caracter.

«Mademoiselle» Petitpas, sem lhe estender a mão, disse-lhe:

—Como passou, Gustavo?

Ele, com uma emoção visivelmente contida, pronunciou:

—Como está, Clara?

Ficaram, por momentos, a olhar-se os dois, observando um no outro os estragos do tempo.

Depois, «Mademoiselle» Petitpas retomou a conversa no mesmo tom tranquilo:

—Ha quanto tempo não o via?

—Ha trinta anos, disse ele.

—Pouco mais ou menos. E que é que tem feito, neste tempo todo?

—Viajei pelo Oriente, por causa do meu negocio de minas, e depois residi na Russia, até á revolução.

Passado um pequeno silencio, «Mademoiselle» Petitpas disse:

—Parecia-me que tinha casado?...

—Então não o soube?

—Ah! sim, quasi que o esquecia... tantos anos passados!

—Com effeito, casei em Moscou, em 1897... Mas estou viuvo ha dois anos, sem filhos, completamente desamparado...

«Mademoiselle» Petitpas pronunciou, indifferente:

—Ah!

Houve um longo silencio. Sudrot continuou: —Estou em Paris ha alguns mezes. Soube que a Clara tinha estabelecido, na antiga casa de seus pais, uma pensão de família...

—Depois da nossa ruina, quasi complecta, foi-me preciso ganhar a vida.

Estou certo de que deve ter conseguido o seu

fim brilhantemente. Conheço a sua inteligência...

—Por quem é...

Sudrot parecia, manifestamente, querer dizer alguma coisa que não ousava exprimir. Torcia e retorcia o bigode. Por fim, decidiu-se:

—Imagine que eu venho pedir-lhe uma coisa singular...

—Que é?...

—Consentiria em tomar-me como hospede?

—Ao senhor?!

—Sim... Parece-me que, na sua casa, encontraria um pouco do meu lar afundado... Nesta casa onde tenho tantas recordações da mocidade... perto de si, a minha companheirinha d'outr'ora... teria a impressão de estar, um pouco, em minha casa.

Sem lhe responder, «Mademoiselle» Petitpas levantou-se e poz-se a andar de um lado para o outro na sala, com as mãos atrás das costas.

O cão, inquieto, seguia-a com o olhar.

Por fim parou em frente de Sudrot, dizendo:

—Muitas recordações, na verdade... Mesmo a recordação de uma certa noite, a de 30 de abril de 1896...

—30 de abril?...

—Não se lembra? E' que, eu, tenho a memoria mais fiel... Se quer, repito-lhe de cór as palavras que me disse naquele banco do jardim, por detraz dos lilazes que começavam a florir, e mo agora... Aqueles mesmos lilazes...

—Perdoe-me... Lembro-me... lembro-me perfeitamente...

Ela continuou, com amargura:

—Ah! sim?

—Muitas vezes me tenho recordado, com sauda-

dade e com remorso...

Mas havia, entre nós, tantos obstáculos... Eu não tinha fortuna... De resto, julguei que não ligasse importância a um namorico...

—Julgou que eu não ligasse importância?... Julgou?... Saiba então que a mi-

nha vida ficou para sempre quebrada, desde esse dia.

—Como assim?...

—Oh! muito simplesmente. Havia cinco anos já que o amava, esperando todos os dias as palavras que me disse naquela noite... Quando o vi partir, imaginei que seria para ganhar algum dinheiro, afim de nos podermos casar... e que depressa viria buscar-me... Um dia soube do seu casamento com outra. Estive á morte... Voltei á vida, para o detestar! Odiava todos os homens... Não quiz casar-me... Enfronhei-me nesta tarefa servil de dirigir uma pensão de familia... menos para ganhar a vida, do que para esquecer!... Durante anos, se via á minha mesa um par feliz, tinha desejos de o envenenar... Mas o tempo ia fazendo a sua obra... começava a atingir a serenidade... E eis que o senhor aparece agora, para remexer o rescaldo do incendio?...

Depois, muito exaltada, continuou:

—O senhor é a fotografia da minha catástrofe. Odeio-o! Odeio-o tanto como o amei! Vá-se embora! Vá-se embora!...

O cão começou a ladrar, ao intruso.

Sudrot, interdito, pronunciou:

—Asseguro-lhe, Clara...

Então, furiosa, «Mademoiselle» Petitpas gritou-lhe:

—Vá-se embora! Vá-se embora! Não posso vê-lo, não posso pensar no senhor!... Vá-se embora! Vá-se!

Sudrot, no limiar da porta, voltou-se.

—Prometa-me que um dia me perdoará!...

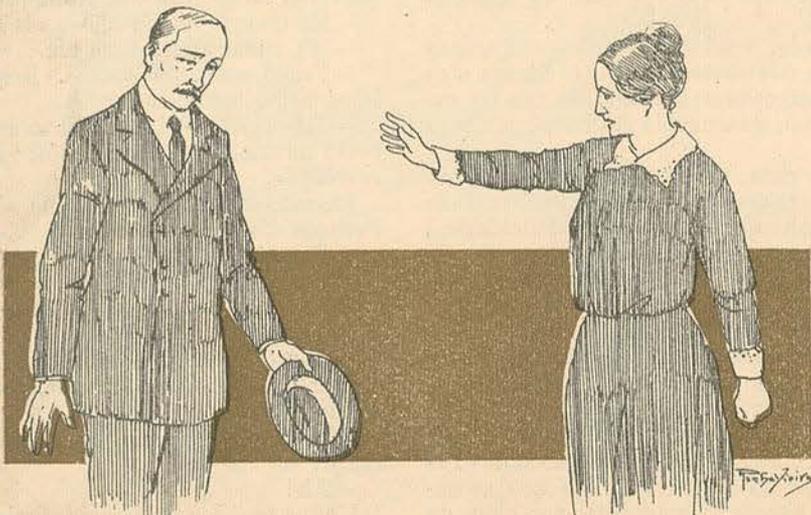
—Nunca!... Nunca!...

Quando sentiu fechar-se a porta do jardim,

«Mademoiselle» Petitpas sentou-se de novo á secretária... Tornou a abrir o livro das contas... Fechára para sempre o livro da sua vida... O cão adormecera-lhe de novo aos pés.

Os lilazes e os pilriteiros continuavam a florir...

(De Maurice Soulié).



CASA RUBI

Telefone: Central 3352

ILUMINAÇÃO, HIGIENE  
E AQUECIMENTO

122—R, nos Retrozeiros—122

DETECTIVE

Vigilancia de pessoas e inves-  
tigações comerciais

Trata-se com seriedade, sigilo

e economia—Dão-se referencias

Posta Restante. C. Castro. Lisboa

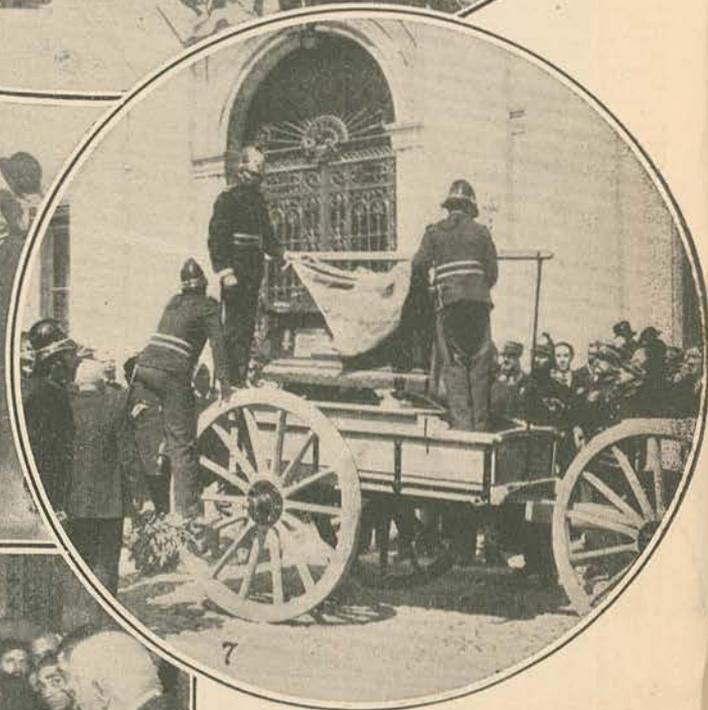
Dr. Miguel de Magalhães

Monitor da clinica de Necker-Pa-  
ris. Rins e vias urinarias, sífilis.  
Travessa Nova de S. Domingos, 9,  
1.º, ás 3 1/2. Tel. 5205 N.

## A comemoração pombalina



A urna contendo os restos mortaes do Marquez de Pombal, exposta do dia 12 para o dia 13, no atrio da Camara Municipal de Lisboa



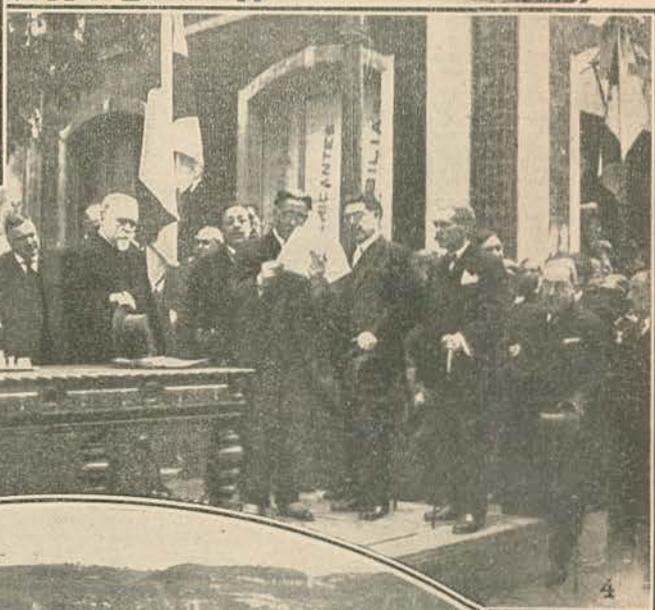
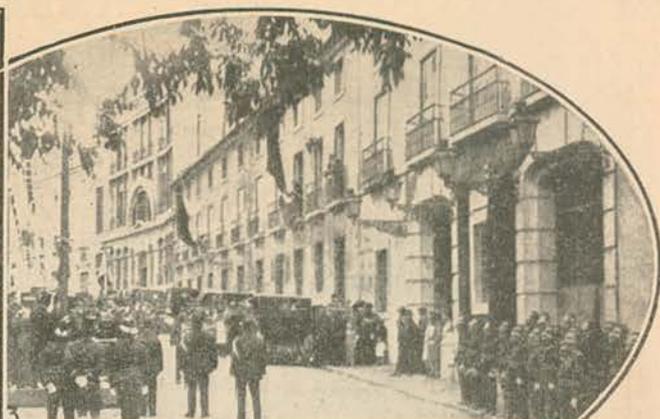
1—Desfile do cortejo funebre pela rua Direita de Belem, vendo-se o coche de D. José I

2—O sr. Presidente da Republica lendo a lapide collocada na casa da rua de O Seculo onde nasceu o Marquez de Pombal, apoz o descerramento da referida lapide

3—Os bombeiros municipaes fazendo a guarda de honra, por occasião da inauguração da mesma lapide

4—A leitura do auto da inauguração da lapide

5—O Chefe do Estado e membros do governo á porta da igreja da Memoria, enquanto o cortejo desfila em frente da urna mortuaria



6—Verificação da ossada do Marquez de Pombal, antes da transferência para o edifício dos Paços do Concelho, cerimonia a que assistiram representantes da familia Pombal, da Comissão Jurisdiccional dos Bens das Extintas Congregações Religiosas e da Comissão da Trasladação, o sub-delegado de saúde, etc., etc.

7—Colocação da urna mortuaria no armão que a transportou da Camara Municipal para a igreja da Memoria

8—Chegada da urna á igreja da Memoria  
(Clichés Salgado.)



# UM NAVIO DE GUERRA AMERICANO CONDECORADO COM A TORRE E ESPADA

No dia 7 d'abril findo realisou-se, em Charlestown, a cerimonia solemne da imposição da Torre e Espada ao U. S. S. *Orion*, da marinha de guerra americana, ao tempo recebendo reparações n'aquelle porto, cabendo

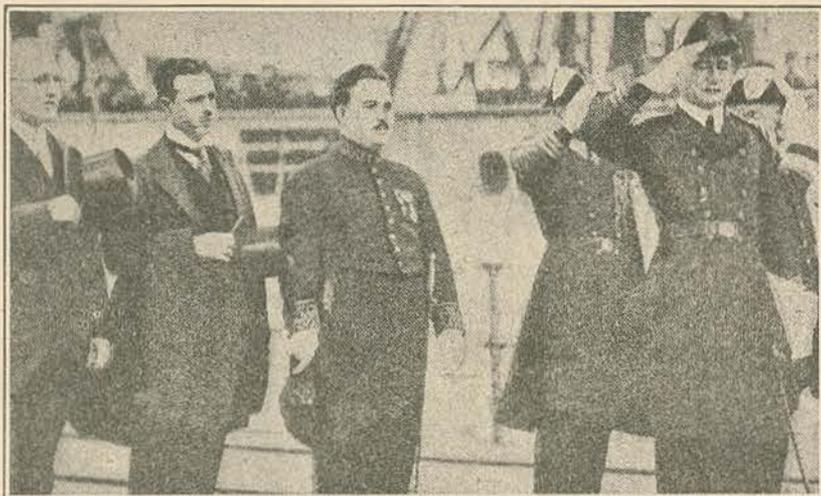
ao consul portuguez, sr. Eduardo de Carvalho, acompanhado pelo vice-consul sr. Camilo Camara e vice-consul honorario sr. José Linhares, fazer entrega das respectivas insignias ao comandante do referido navio, sr. G. Bowdey.

Os representantes de Portugal foram recebidos pela officialidade

do *Orion*, tendo os marinheiros formado na tolda do navio sob o comando dos tenentes srs. C. H. Hassenmilie e E. G. Fullenwider, durante o acto da entrega, que foi revestida, repetim-s, de grande solemnidade.

Depois da cerimonia, a banda de bordo executou *The Star Spangled Banner* e o Hino Nacional Portuguez.

O facto que motivou a deferencia do nosso governo para com o *Orion* foi a maneira porque este barco defendeu Ponta Delgada, em Abril de 1917, do ataque dum submarino alemão.



*Depois da cerimonia e durante a execução do Hino Portuguez*  
(Ao centro da gravura, vê-se o consul sr. Eduardo R. Carvalho e à direita o comandante do U. S. S. *Orion*)

## TRIANGULO VERMELHO, DO PORTO



A assistência a simpática festa realisada, ha dias, no Porto, por iniciativa da Associação Cristã da Mocidade, em favor dos vendedores de jornaes e outros pequenos trabalhadores das ruas

# Uma Ressurreição Seiscentista

UM SERMÃO DO PADRE ANTONIO VIEIRA, PRÉGADO NA CAPELA REAL DO PAÇO DA RIBEIRA, EM 1645



Padre Antonio Vieira



El-Rei D. João IV

NA sala historica do Museu de Arqueologia, nas Ruinas do Carmo, deve, no proximo dia 21, realizar-se uma festa, que é um verdadeiro acontecimento artistico. Um grupo de senhoras de que fazem parte a sr.<sup>a</sup> D. Maria Madalena Martel Patricio, a sr.<sup>a</sup> Condessa de Sabugosa, D. Helena Castello Melhor e Condessa de Porto Covo com os srs. Conde de Mafra, Albino Forjaz de Sampaio, Eduardo Brazão e Francisco de Lacerda, propõe-se resuscitar um velho sermão do Padre Antonio Vieira. E assim D. Tomaz de Melo Breyner fará a apresentação, Brazão lerá a peça oratoria do grande prégador, Francisco de Lacerda fará musica seiscentista e Forjaz de Sampaio fará a evocação do que foi aquella tarde memoravel na Capela Real. Descreverá Lisboa velha, a que o terremoto subverteu, contará quem assistiu, dirá como estavam vestidos, descreverá, contará e, numa rapida ressurreição, fará visionar o quadro.

E que de deslumbramentos! Que faustosas riquezas, extraordinario bri ho, prodigiosa beleza o tempo levou e a Morte conserva no seu seio!



D. Tomaz de Melo Breyner



Albino Forjaz de Sampaio



Eduardo Brazão e Francisco de Lacerda

A essa festa assistiu D. João IV, o rei para quem a capela e a sua musica era tudo. D. Teodosio, principe que, então, tinha 11 anos passa tambem no cortejo de nobres, de fidalgos, de altos dignatarios da côrte. A capela está cheia a trasbordar.

O orgão toca maravilhas de som emquanto nas caçoulas o incenso sobe. E no alto, Antonio Vieira, o grande mestre da lingua, o inimitavel prégador, rei da Oratoria Sagrada, fala sobre o Amor. Do Amor de Cristo e do Amor terreno. Do primeiro e do segundo Amor. De como o Amor nasce e como o Amor morre.

Deve a todos os respeitos ser um grande e artistico espectáculo, que tem demais a mais o condão de ser absolutamente novo.

Já se evocara um auto Vicentino e outro Camoneano, mas não se tentara ainda pôr de pé a grande e macissa prosa dos nossos maiores.

E' o que se vai fazer e parece que com rara felicidade, depois de amanhã, no templo onde o grande condestavel se refugiou das vaidades do Mundo.

# UM TEATRO QUE RESSURGE



*José Loureiro*

Tendo sido assinada, no dia 9 do corrente, a escritura de compra do Teatro da Trindade, pelo nosso amigo e intelligente empresário teatral sr. José Loureiro, o justificado recelo de ver desaparecer essa bela casa de espectáculos, a que tantas recordações gloriosas andam ligadas, desapareceu. De facto o Trindade ressurgirá dos seus escombros, pois a pouco menos que isso estava reduzido, já na próxima época de Inverno reabrindo as suas portas. E' mais um serviço que o Teatro portuguez ficará devendo a José Loureiro, e não dos menos valiosos.



*Teatro da Trindade (fachadas principal e lateral do lado da rua do Mundo)*

## A PENSÃO A ANGELA PINTO



Os artistas teatraes que, no dia 11 do corrente, foram entregar ao Parlamento uma representação em que se pede para que seja concedida uma pensão vitalicia á sua gloriosa colega Angela Pinto, saindo do Teatro Sao Luiz, a caminho do mesmo Parlamento

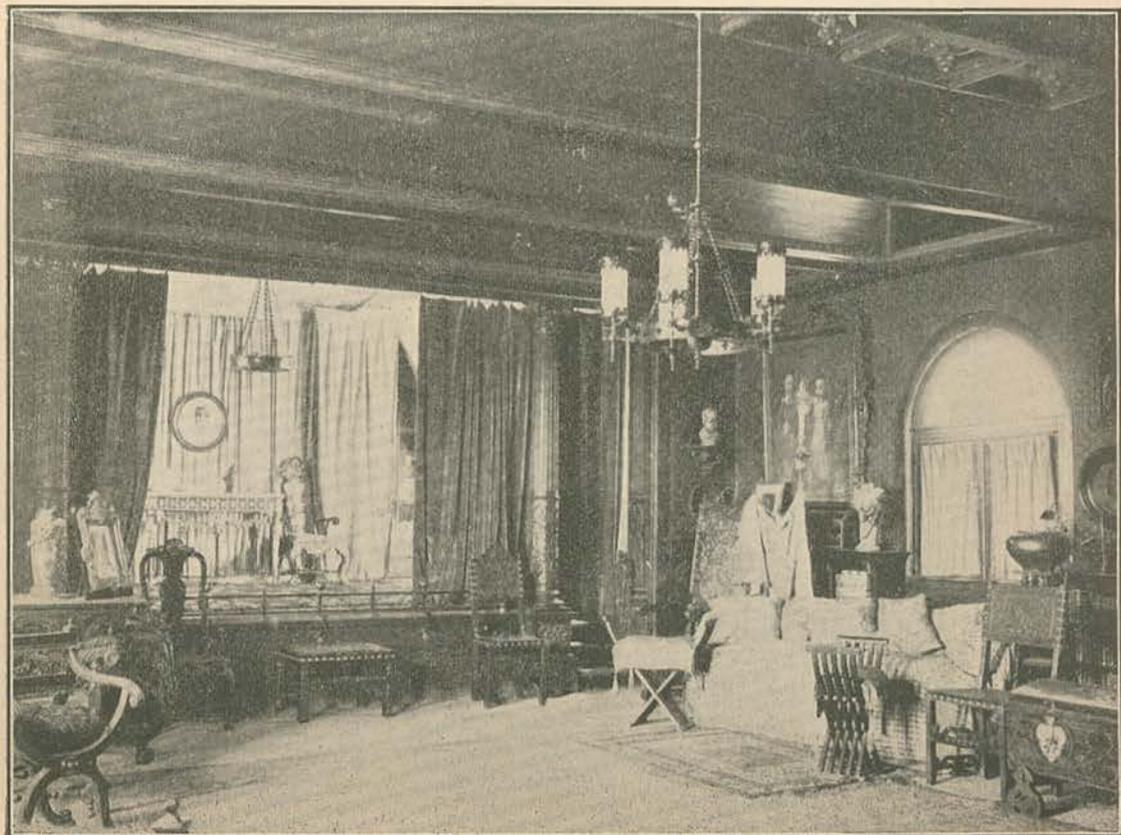
# Uma Festa d'Arte no "Atelier" Teixeira Lopes



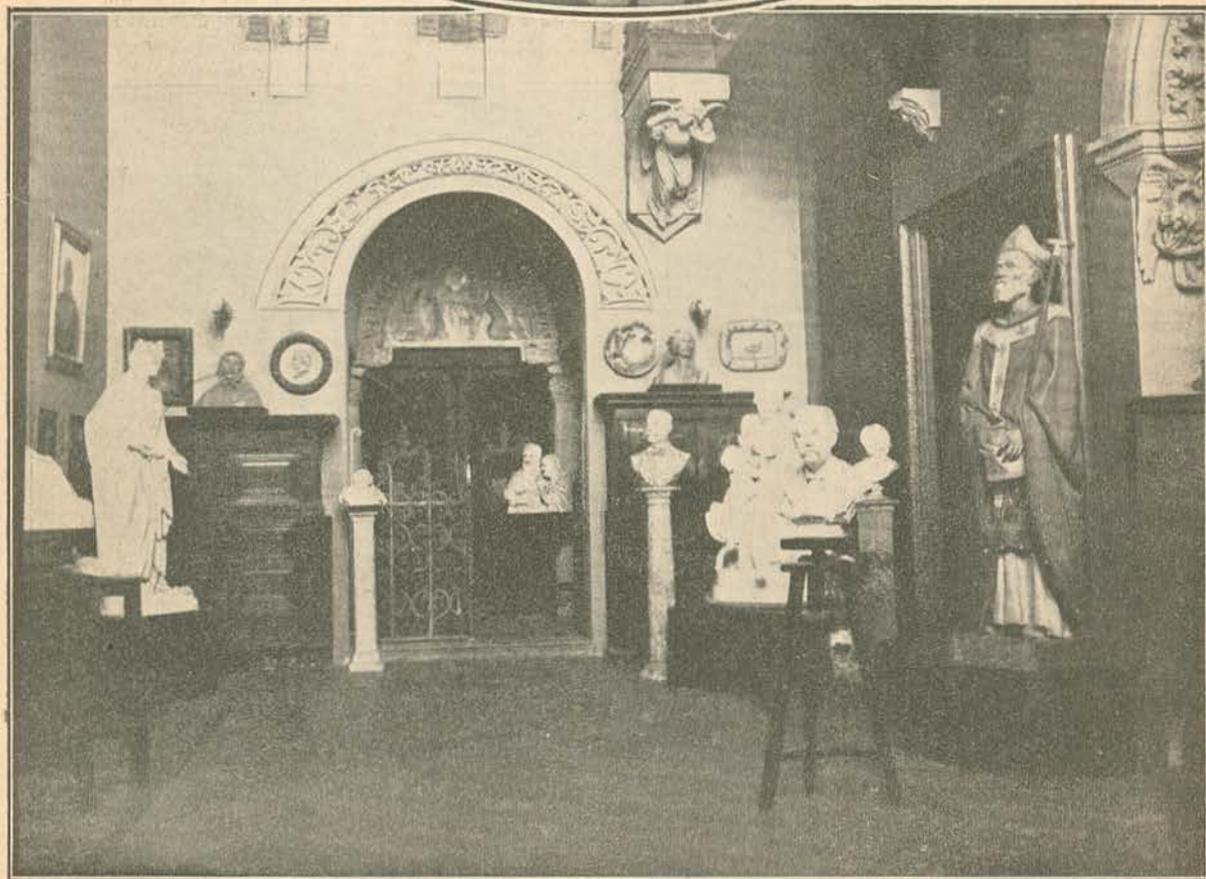
**D**ELICIOSA festa a um tempo de arte, de elegancia e tambem de filantropia a que se realisou no domingo, 6 do corrente, na encantadora residencia-*atelier* de Teixeira Lopes, em Villa Nova de Gaia Promovida pela comissao organizadora do grupo Pro-Arte que, alem da intencao de difusao artistica entre nós, se propoe fundar uma Casa dos Artistas, e revertendo, o producto das entradas, para esta benemerita obra, constou, a festa em questao, a qual concorreram a melhor sociedade do Porto e, ainda, inumeras pessoas de Lisboa, de *matinée* nos jardins do grande escultor e *soirée* nos seus magnificos salao de festas, *atelier*, etc.

A *matinée* foi iniciada pelo inspector do circulo escolar de Gaia, sr. Aurellano Tavares, que pronunciou um interessante discurso a proposito da festa decorrente e dos seus fins; recitaram, em seguida, formosos versos, os srs. drs. Joaquim Costa e Barata Rocha, dizendo tambem versos deste poeta a actriz Lucilla Simões e, de Rui Chianca, o actor Erico Braga. Depois, estes dois artistas, representaram a scena final da *Zazá*, seguindo-se um chá e dança.

O programa da *soirée*, que atingiu, ainda, um cunho de maior elegancia, abriu com um discurso no qual o



Salão de festas na residencia-*atelier* de Teixeira Lopes



*Um aspect'o da assistencia á matiné, realisada no jardim  
O atelier de Teixeira Lopes*

maestro sr. Francisco de Lacerda, membro de primordial prestigio do Grupo Pró-Arte, expoz os fins desta associação e justificou os propositos dos organizadores da dupla festa daquele dia. Em seguida o pianista sr. Lulz Costa e os violinistas srs. Paulo Koghauski e Cecil Machado executaram brilhantemente, ao piano e no violino, escolhidos trechos, tambem no violino se tendo feito ouvir o notavel artista que é Guillermina Suggia e, finalmente, cantando conhecidos trechos do *Rigoletto* e do *Barbeiro de Sevilha*, além de canções em hespanhol e francez, a festejada diva Elvira de Hidalgo que, exclusivamente para tomar parte nesta *soi rée*, foi ao Porto.

Ainda Erico Braga recitou poesias e Lucilla Simões leu a 1.ª carta de Soror Mariana, brindando, por fim, Teixeira Lopes, com reproduções de obras suas, todos os artistas.

Delicada ceta, seguida de baile, que terminou de manhã, serviu de fecho á encantadora festa de que melhor se poderá fazer idéa pelos *clichés* que publicamos, visto o interesse de não prejudicarmos a reportagem fotografica nos condenar a acompanhá-la de tão poucas palavras.

Nem por isso deixaremos de acrescentar, porém, que todos os oradores, artistas e outras pessoas que tomaram parte nos programas da tarde e da noite foram aplaudidíssimos, tendo os assistentes retrado duplamente encantados com a bela impressão de arte recebida e a fidalga gentileza do dono da casa.

Guillermina Suggia



Elvira de Hidalgo



Lucilla Simões e Erico Braga representando o último acto da Zazá

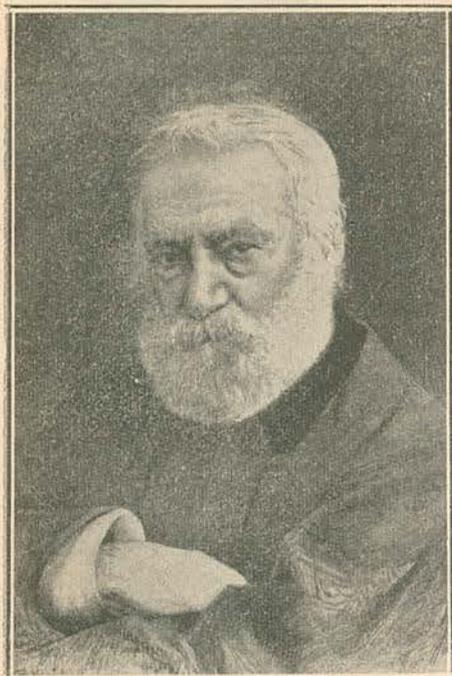
(Clichés André Moura.)

# Ha Muitos Anos...

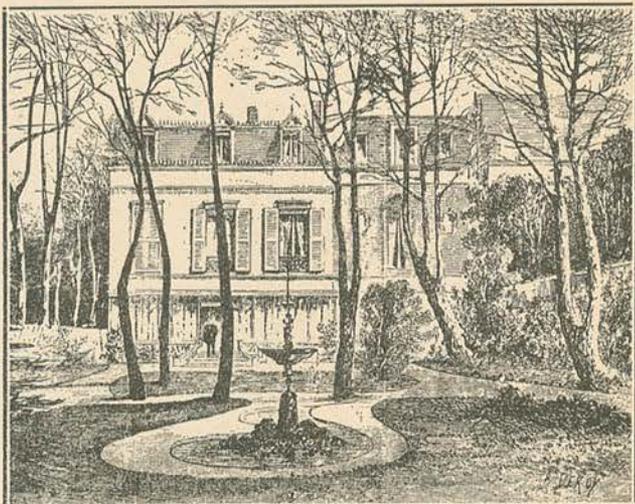
## A MORTE DE VICTOR HUGO

Faz, na proxima terça feira, 38 anos que faleceu, em Paris, o grande romancista dos *Misrables*, da *Notre Dame de Paris*, do *quatre-vingt-treize* e dos *Travailleurs de la mer*, o eminente dramaturgo do *Ruy Blas*, do *Hernani* e de *Le Roi s'amuse* e o inequalvel poeta dos *Châtiments*, da *Légende des siècles*, etc.

Recordando a data infausta de 22 de maio de 1885, reproduzimos de *A Ilustração* (N.º 11, 2.º ano, de 5 de julho de 1885) algumas gravuras que se prendem com a vida e morte do maior genio literario da França, do seculo XIX.



Victor Hugo



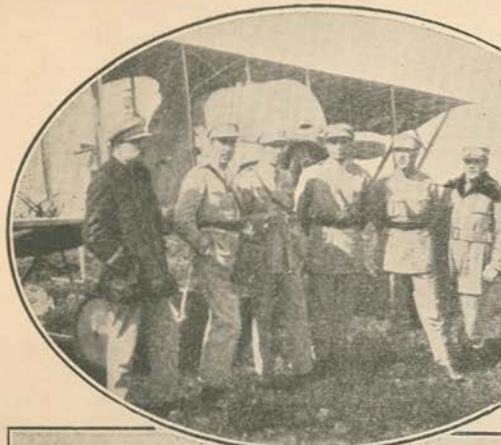
A casa onde faleceu, na Avenida d'Eylau, Paris



Victor Hugo e a sua obra

Esplendida composição de Andrioli, em que figura o grande poeta envolvido na bandeira tricolor e cercado pelos principais personagens dos seus romances, vendo-se, ao fundo, o edificio grandioso da Notre Dame de Paris

A festa de inauguração, no dia 10 do corrente, do campo de aviação do Bursco



Os tripulantes dos três aviões que inauguraram o campo, srs.  
Santos Leite, Ribeiro da Fonseca, Antonio Maia, Dias Leite  
e Lopes Soares

Um trecho da assistência ao banquete de 60 talheres que  
foi oferecido aos convidados no Palace Hotel

A sr.<sup>a</sup> D. Laura Ramos, do Luso, que subiu no aparelho do te-  
nente sr. Santos Leite, e andou voando sobre o campo, durante  
alguns minutos

A multidão que aguardava a chegada dos aviadores, observando os aparelhos, após a aterrissagem



Elaine Hammerstein, estrela da *Selznick*

**O** ENTRECHO do film «A noite misteriosa», da magnífica série de películas montadas por D. W. Griffith, que está obtendo um enorme êxito na capital franceza, é o seguinte:

Mrs Stuart Bruce, vai juntar-se a seu marido, que se encontra na África Meridional, sendo acompanhada na viagem pelo seu cunhado, Dick Bruce e uma dama de companhia. No meio do trajecto é acometida dum violento ataque de febre, sendo obrigados os viajantes a demorar-se, hospedando-se na habitação dum cafre. Alí, Mrs Stuart Bruce recebe a triste nova da morte de seu marido e, em virtude do seu melindroso estado de saúde, não resiste áquele golpe, morrendo também.

Dick Bruce, tentado pela enorme fortuna de seu irmão, decide suprimir a única herdeira, uma pequenina de mezes, sua sobrinha, confiando-a á dama de companhia da mãe e comprando o seu silêncio por uma soma considerável.

Passam desasseis anos e vamos encontrar, na America do Norte, a dama de companhia que, sob o nome de Mrs Harrington vive com a sua pretendida filha Agnés, por quem não sente a menor afeição.

Agnés é então apresentada a um tal Rockmaine, milionário, que, não obstante lhe ter desagradado imenso, aceita para noivo, cedendo, assim, ás instancias de sua mãe.

A situação muda, contudo, graças á intervenção



O incomparavel comico Harold Lloyd

# Estrelas e Atres do Cinema

de John Fairfax, descendente duma importante familia americana, que com vinte anos regressa á sua terra, depois da conclusão dos seus estudos no estrangeiro.

Tomando conhecimento com Agnés, pretende opôr-se ao seu casamento com Rockmaine, o que a joven, verdadeiramente apaixonada por ele, promete auxiliar.

No entretanto, a casa de John Fairfax, desabitada durante alguns anos, tornou-se suspeita para a policia. Com effeito, essa casa servia, durante a ausencia de John, de refugio a um bando de contrabandistas. O chefe destes aventureiros, Johnson, tentando, um dia, fugir com o produto dum rendoso contrabando foi perseguido por um dos seus

cumplices e morto num dos quartos da casa. A policia começou, então, a desconfiar de John Fairfax.

A partir deste momento, desenrolam-se no castelo de Fairfax uma série de scenas sentimentaes, dramaticas, aterrorisadoras e comicas, admiravelmente encadeadas no entrecho do romance, começando a correr, pela região, o boato de que o castelo está embruxado.

John Fairfax, pouco supersticioso, delibera animar a sua casa com partidas desportivas e outras festas, sendo, assim, que oferece uma recepção em honra de Mrs Harrington e sua filha Agnés.

Esta festa, realisada na *noite misteriosa*, é acompanhada de extraordinarios acontecimentos, acabando por ficarem fechadas, no castelo, Agnés e sua mãe. Sombras deslizam, como que guiadas por olhos invisiveis.

John Fairfax, que fôra conduzir, no seu automovel, um convidado a casa, volta e é preso como causador daqueles enormes disturbios e acusado do assassinio do chefe contrabandista.

As peripécias succedem-se com uma bem engendrada ligação, até que, como era de esperar, o amor vence tudo.

Carol Dempster, com uma ingénua graciosidade, que o terror perturba e o amor ilumina, conseguiu realisar uma adoravel Agnés.

Harry Hull desempenhou a primor o papel de John Fairfax.

Mrs Harrington foi desempenhada por Margaret Daly e a *mise-en-scène* é esplendida, como alias, todas as de Griffith.

Mais uma vez, este grande *metteur-en-scène* consegue proporcionar aos apreciadores do cine, uma magnifica obra da cinematografia moderna.

Carol Myers, uma das mais novas estrelas da scena muda



# FIGURAS & FACTOS



**Dr. Cardo-o de Oliveira**

Ilustre Embaixador do Brasil, que, no dia 10, tomou posse do logar de socio da Academia das Sciencias, em termos de sesso respectiva correspondendo d' mais uma catonosa homenagem á grande patria irmã

**Dr. Jorge Monjardim**—Que realizou uma notavel conferencia, no dia 12, na Faculdade de Sciencias, sobre a Medicina Social, no Rio de Janeiro



**Mme Delarue Madrus**, notavel romancista, poetisa e musicista franceza que acaba de realizar, com grande exito, duas conferencias no teatro S. o Luiz-Cande de Mover, falecido, no Monte Estoril, no dia 12 do corrente



**Roberto da Fonseca**

O velho e glorioso toureiro falecido no dia 8, em Sate terra de Mogos



**A bruxa d'Alpiarça**

Que tdo discutida tem sido e cujos bruxedos acabaram por interessar a policia... que lhe deltou a mão



**Centenario da Independencia do Brasil**

Artística placa de bronze allegorica á comemoração do Centenario da Independencia do Brasil, oferecida a Portugal pela Fundação Indígena do Rio de Janeiro



**Dr. Bernardino Zagalo**

Devotado e efensor da região duritense e antigo colaborador de O Seculo, falecido no dia 9, na Regua. A' esquerda o im-

**Dr. Augusto de Vasconcelos**, Presidente da delegação portuguesa á Conferencia Parlaes, em Comereio, de Praga, para onde partiu no dia 12



nente cortejo funebre passando na rua Serpa Pinto, da capital duritense

### Visita de estudo

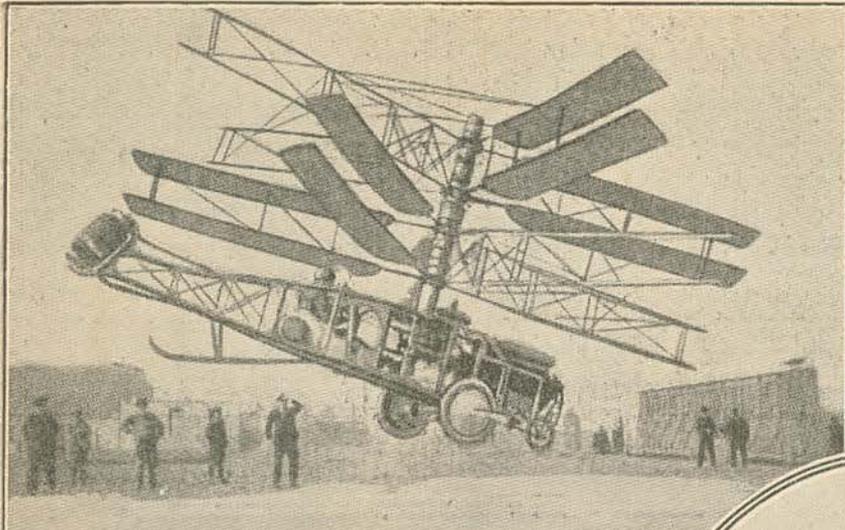
Os alunos do Centro Escolar Democratico de Cumpo de Ourique e da escola de Sete Riosque, acompanhados pelos seus professores, srs. Alves Cardoso e Carlos Soares, visitaram, no dia 10, as instalações de O Seculo



**A Festa da Arvore em Vila Meã de Mortagua**

Com grande entusiasmo e lustre realizou-se, no dia 29 do mez findo, em Vila Meã de Mortagua, por iniciativa dos professoes locais, a sr.ª D. Maria da Assunção Machado e o sr. Alberto Borges Pinto, a Festa da Arvore em que tomaram parte todos os alumnos das escolas. A nossa governa, representada d'un cliche do referido professor, representa a plantação de uma das arvores

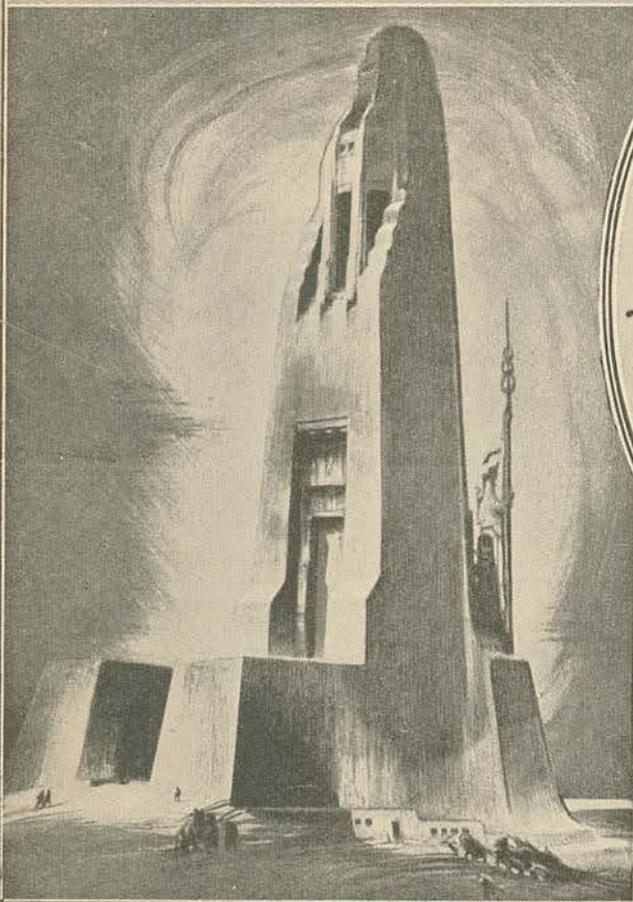
# O ESTRANGEIRO EM FÓCO



**O helicóptero de Pescara e o Dewoitine de Barbot**

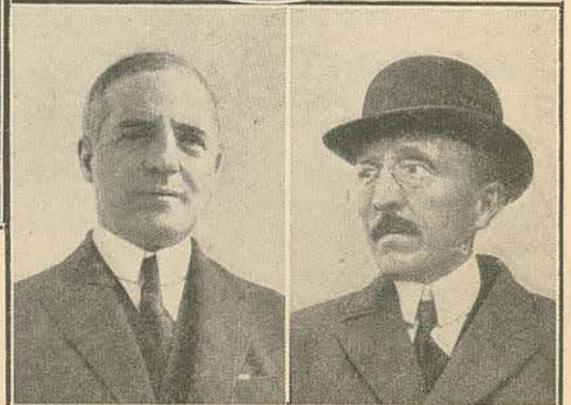
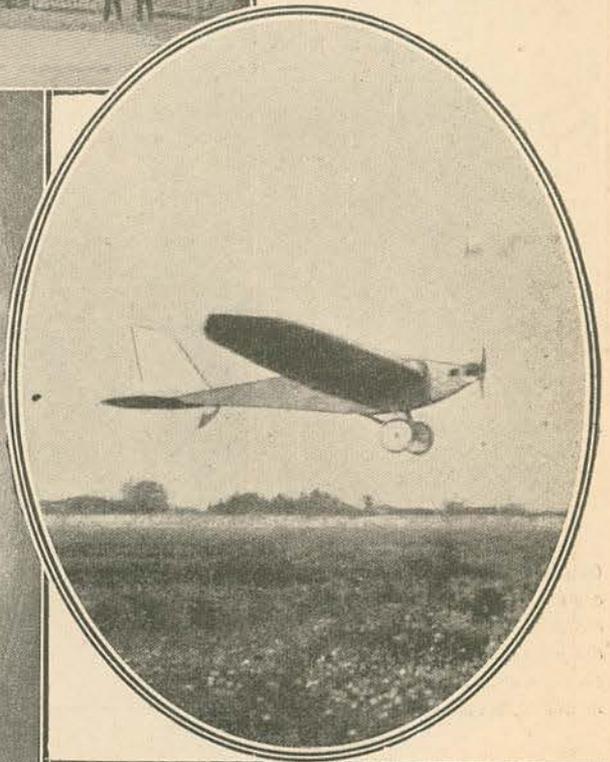
No primeiro (à esquerda) concorreu o seu inventor, o piloto marquês de Pescara, ao prêmio de mil metros, em circuito fechado oferecido pelo Aero-Club de França. Era de 10.000 francos, esse prêmio, tendo o referido concorrente percorrido, no dia 7 de corrente, em Issy-les-Moulineaux, 57 metros em linha recta, vertice 1, o que constitui o *record* em relação aos helicópteros

O segundo (em baixo) é o aparelho de motor fraco (15 H. P.) em que o piloto Georges Barbot realizou, no dia 8, a dupla travessia do Mancaia, ida e volta



**O monumento do reconhecimento francez ás tropas americanas**

Medindo 100 metros d'altura, vai ser erigido, na Ponta de Grave, extremo sul da foz do Gironde, um monumento do reconhecimento francez pelo auxilio militar americano, por ocasião da grande guerra. Assinado Bartholomé e André Ventre é, o referido monumento, constituído por uma enorme pirâmide de linhas rígidas, tendo, n'uma das faces, a que olha para o Oceano, uma figura da França que, com gesto viril, empunha gigantesca lança, entrelaçada de ramos de oliveira. O escudo, que lhe descança ao tado, é constituído pelas tabuas da lei e, com a mão livre, a referida figura faz um movimento de apelo, saudação e esperança inquietu para o tado onde, nos principios do ano de 1917, desembarcaram os primeiros contingentes norte americanos



**Montagna**

**Otchiai**

**Chefes das delegações italiana e japoneza á segunda conferencia de Lausanne**



## A "Luva de Ricardina", no Politeama

**S**E o sr. capitão Cunha, simpática personagem da peça *A Luva de Ricardina* não tivesse no peti-lho um botão providencial, seria abatido ao efectivo e quiçá haveríamos também de lamentar o passamento de Ricardina, arrependida por tê-lo arastado, com a sua levandade, ao campo da honra.

Felizmente o dito botão interveiu a tempo, aparando a estocada de certo espadachim, o sr. Fernando de Castro, e não só livrou da morte o sr. capitão mas permitiu que a ponta da espada d'este ofendesse o *risorius* d'aquêle e o stigmatissasse com um sorriso permanente, assaz sardonico e repugnante. Isto nos conta, depois de nos ter, durante meia hora, suspenso pela anciedade, a nós espectadores, á referida Ricardina e á sr.<sup>a</sup> D. Luiza de Lencastre, um tal barão de qualquer coisa, grande palrador, ex-jogador de murro e dado a doentias extravagancias, como seja a de limpar as proprias lagrimas ás luvas das mulheres.

Foram estes os sucessos trazidos para a scena do Politeama, em 12 do corrente mês, pelo sr. Ricardo Durão, pessoa lida em Schiller e em Eça de Queiroz, e literato de prosa correcta e romantica, o qual se nos apresentou escudado pelos corpos da guarnição militar e pela companhia de Amelia Colaço e Robles Monteiro, muito mal ensaiadinha, benza-a Deus, e representando sem brilho de maior.

—E' só isso *A Luva de Ricardina*? perguntarão os curiosos.

Não é. Para se chegar ao resultado exposto, isto é, ao duelo e sua consequencia matrimonial, tiveram os espectadores do Politeama de assistir a varios episodios preparatorios e necessarios, e a outros tão a proposito como a interferencia de Pilatos no *Credo*.

Começou o sr. Ricardo Durão por nos levar ao Campo Grande, onde os passeantes tomam leite o onde o sr. capitão Cunha espregueira entre as arvores a chegada de Ricardina, que ali deve aparecer a cavallo. Ruído de galopada, aproximação de cavaleiros, limpeza da poeira e entrada da joven muitas vezes citada, da sua amiga e grande desvergonhada sr.<sup>a</sup> D. Luiza de Lencastre, do marido d'esta, igualmente sem vergonha nenhuma, e do espadachim também já citado por nós, que tem espetáculo grande numero de pessoas, é amante da sr.<sup>a</sup> D. Luiza e d'uma croia estrangeira, e pretende conquistar—ao que deduzimos, porque n'essa parte o 1.<sup>o</sup> acto da peça é de notavel sobriedade—a dona da luva fatal. Dialogos dos dois pares de namorados, não escutados por quem ao autor não convem que o sejam, o sr. Castro a perguntar ao sr. capitão Cunha se este se ri d'ele ou para ele, e zás!—luva na cara do provocador, arremessada pelo sr. capitão Cunha.

Segundo acto. A sr.<sup>a</sup> D. Luiza vai a casa de Ricardina, que tem recebido do espadachim uma carta a declarar-se. A sr.<sup>a</sup> D. Luiza denuncia-se amante do patiforio, confessa que não pode passar sem a sua nojenta convivencia e pede á amiga que chegue á janela porque ele vai passar de automovel, para o duelo: afirma, não se sabe porque razão, que se o amante se julgar amado pela Ricardina, poupará o sr. capitão Cunha e não se verá, pois, obrigado a exilar-se. Ricardina não está pelos ajustes. N'isto ouve-se o *pó-pó-pó* do automovel, a sr.<sup>a</sup> D. Luiza agarra n'uma rosa, dadiva do sr. capitão Cunha á noiva, e, por traz das cortinas, atira com ella ao duelista.

Terceiro acto: mesmo scenario. O pai de Ricardina diz a quem o quer ouvir que é bucolico, admirador das *Georgicas*, de Virgilio e não da *Enelda*; para elle, a vida sem abelhas, galinhas e pombas é o vacuo. Mas que tem a Ricardina, assim alheada das teorias paternas? Leitura de romances decerto, romances onde lê os proprios pensamentos e não o que n'elles está escrito, como soem fazer todas as mulheres, segundo a opinião da sr.<sup>a</sup> D. Luiza de Lencastre, também presente.

Que tem? Tem angustias, ella e a sr.<sup>a</sup> D. Luiza, porque o duelo se está realisando n'aquêle instante. Estão sobre brasas. Então, entra o barão e segue-se a narrativa retro-mencionada, até o momento em que a ponta da espada aflora o peito do sr. capitão Cunha, em flagrante contradicção com a promessa da sr.<sup>a</sup> D. Luiza, feita no 2.<sup>o</sup> acto.

—Morreu! exclamam as pessoas interessadas.

—O sr. capitão Cunha, anuncia a criada.

Assombro geral, a historia do botão da camisa, demoradas explicações, com o contra-regra á espera que o barão se digne terminar, e, finalmente, aparecimento do heroi, a restituir a luva e a repudiar a namorada, visto que por um capricho novelesco lhe poz a vida em perigo. Mas o barão ouviu tudo e reconcilia-os, não sem que a bréjeira da sr.<sup>a</sup> D. Luiza forneça á nossa Ricardina certas recomendações para se distrair da monotomia conjugal.

Pronto. Isto vimos, ouvimos e aplaudimos, fazendo justiça ao trabalho do autor, á sciencia da D. Amelia, aos nervos em constante vibração da D. Ester e á boa vontade dos outros artistas, a alguns dos quais recomendamos cuidado com a caracterisação. Em especial, o abuso do vermelho e de drogas lustrosas em faces frescas e expressivas quando tais artificios as não mascaram, é muito de reprovar.

MARIO COSTA.

# OS TRIUNFOS DA MODA

O que é o novo calçado de verão

EM Portugal nunca houve necessidade de imitar as criações das modas da estranja, no que diz respeito a calçado. Os artifices de sapataria são, entre os nossos mais distintos profissionais de officios vulgares, dos poucos que emprestam á sua tecnica uma nota de arte, sempre bela. Ha pares de calçado executados por sapateiros portugueses que poderiam marcar, em qualquer metropole da elegancia europeia, o mais alto modelo, que os congeneres estrangeiros tentariam imitar.

Daqui o vermos, com um grande encanto para os nossos olhos, como as mulheres portuguezas, dentre as que se querem distinguir pela finura e o gosto da apresentação, aparecem calçadas, principalmente quando teem de figurar nas «soirées», nas recepções mundanas, nas grandes cerimoniaes de etiqueta rigorosa.

Ao menos na beleza e na suntuosidade do calçado de luxo, estamos bem, nada precisando de ir buscar a figurinos estranhos para mantermos a fama de que os nossos sapateiros são quem pode ditar a norma, a excelencia magistral do seu ramo, em todo o mundo.

Consequentemente, cada inicio de estação em Lisboa, corresponde á expectativa ansiosa da mulher elegante ácerca de um modelo de calçado, que ela visiona como o original produto de beleza que falta á afinação nova da sua «toilette».

Para esta quadra de verão tem ela criações de sapataria que, efectivamente, se tornam admiraveis complementos de elegancia pessoal. Uma senhora, das que pontificam em cronica de modas, diz-nos aqui ao lado, mostrando-nos os respectivos desenhos, que essas criações são as sandalias grega e egipcia, executadas em camurça de côres varias, mas com predominio do cinzento e do «beije». A guarnição das lindas sandalias é feita em verniz e pelica de côr, produzindo bizarros efeitos. Haverá ainda encantadores modelos em «chevreaux» de côres e os de saltos Luiz XV, cintados. Para «soirée» vão triunfar os brocados de côres vivas e as lhamas «argentées» e «acier», com lindas fivelas Strass e guarnições de tule e penas. E' claro que estes figurinos, como os de todo o calçado irrepreensivel em execucao e em gosto, só se podem adquirir na Nova Sapataria da Moda, dos srs. Victor Gomes & Pedroso, na rua Augusta, 102 e 108.

A acreditada sapataria, cuja clientela se recruta entre a gente que sabe ligar os mais altos timbres da apresentação pessoal ao rigorismo de leis da elegancia, é sempre a primeira casa do seu genero a lançar a nova criação, escolhendo para a sugestão deliciosa do seu calçado de luxo o material mais fino, entregue ás mãos insignes dos seus primeiros contrames-tres. A sua selecção de operarios e a sua selecção de modelos constituem a base do sucesso em que assenta o seu grande movimento comercial, podendo afirmar-se que a Nova Sapataria da Moda, seria o «cercle» do modernismo em calçado se se transferisse para Paris.



# SEARA ALHEIA...



**Optimismo**

— Debaixo do meu ponto de vista, minha senhora, ha coisas lindissimas...  
( e Flirt.)



**Para todo o serviço**

— E por que foi que saiu da casa onde estava a servir?  
— Porque me esquecia, às vezes, de dar banho aos meninos...  
— Fica com ela, mamã, fica com ela!!

(De Le Petit Parisien.)



**Macaquices...**

O PAE DE TODOS—Repara, meu rapaz. Tudo, descendentes nossos... E não se dirá que a raça tenha melhorado grandemente..

(De Judge.)



**Vantagens do divórcio**

— Gostas do teu papá novo?  
— Muito. E' muito bom para mim!  
— Isso sei eu... Era meu papá, o ano passado...

(De Karicaturen.)



**Rebate falso**

— O' filho, estás cheio de cabelos!  
— Também, não é tanto assim...  
— Palavra! Na gola do pijama...

(De L'Intransigeant.)



**Desilusão...**

O EXPOSITOR — Garanto-lhe que, este quadro, é o melhor que figura na exposição! Cedo-lh'o por metade do preço do catalogo...

O VI-JITANTE — E quanto custa o catalogo?

(De Punch.)



**Por medida**

— Não terá maior?  
— Não, minha senhora; mas, se quiser, pode fazer-se por medida...

(De Le Rire.)



EMPRE que se nos depara uma cronica de modas, o espirito feminino, gratamente alarmado, dispõe-se a recolher revelações sensacionais, novidades imprevisas, ideias interessantes, qualquer coisa ainda não vista, enfim, que nos desperte da sonolencia

monotona da vulgaridade. Mas nem sempre o assunto nos faculta tão gratas surpresas...

N'este momento, por exmplo, em que a moda se compraz n'um estacionamento desesperante para as imaginações irrequietas, baldadamente buscamos a desejada nota de inédito que nos tenta.

A linha da «silhouete» permanece inalteravelmente esguia e flexuosa, procurando tornar, quanto possivel, estilizado o vulto feminino.

Assim, forçada a pôr de parte a ideia geral da moda, que por conhecida não oferece um interesse de maior que incite a estudá-la, profundando-a, a cronista vê-se obrigada a voltar as suas atenções para os mil pequeninos nadas que esmaltam de graça e de originalidade as criações da estação sem lhes alterar a forma, a qual, como dissémos, obedece a regras perfeitamente identicas ás que regeram a elegancia da ultima estação.

N'esses pequenos nadas, afinal, é que reside a nota flagrante do almejado modernismo.

Vejamos o que sobre o assunto nos diz uma autoridade indiscutivel:

Com a reaparição do sol quente e forte, as sombrinhas ressurgem mais «coquettes» e garridas do que nunca. Este ano vê-las-hemos em «taffetas», em «mousseline» tracejada de desenhos multicores, em «organdi» e em renda, montadas em cabos curtos, caprichosamente trabalhados, inspirando-se a forma e o genero de trabalho nas ideias que o Oriente, sempre fantasista e fecundo em originalidades, nos oferece.

As sombrinhas d'«organdi» branco apresentam-se por vezes ornamentadas com uma umptuosidade surpreendente, como por exemplo as que a moda alinda com bordados e incrustações de rendas de prata, aliança estranha que, todavia, produz o mais belo efeito pelo contraste obtido com a simplicidade desprestenciosa do tecido e o brilho, a petulante opulencia, dos bordados reluzentes.

Compreende-se que este genero de sombrinhas só poderá afoitar-se a apparecer em publico lá para os meados de julho e agosto, quando as ardencias do sol impuze-



# Página Elegante

rem á mulher o uso de «toilettes» e adornos leves e frescos.

Até lá, mesmo pelo veverão adeante, as sombrinhas de «taffetas», de «crepe», de «mousseline» estampapada e mesmo de cabedal vermelho—de cabedal, sim, minhas senhoras, ç que a moda, em se tratando de feririr a corda da originalidade, não hesita, ante as

mais extraordinarias extravagancias... —farão larga e acintosa concorrência a esses primores de leveza e graça.

O supremo «chic» consiste, porém, em combinar as sombrinhas com os chapéus e de as recamar de guarnições vistosas mas delicadas, entre as quaes sobresaem as franjas, os b bordados feitos com fitas de seda, as «ruches» e «plissées» de rendas, de gaze, etc., mas tudo do harmonicamente combinado, de maneira a obter-se uma graciosa homogeneidade de conjuncto e realces suavemente delicados, preparados com um profundo sentimento da estetica.

Os sacos de mão também denotam bastante fantasia, sem todavia afirmarem o po proposito de sobresairem pela violencia das côres ou pela ousada disposição das ornamentações.

Em «moiré», em camurça, em «faïlle», pendendo de caprichosos e elegantestes fechos em «écaïlle», em «celuloïde» e em «galalithé» as suas côres combinam sempre de preferencia com as dos chapéus e das sombrinhas, quando as exigencias d'uma bolsa modesta, que se não suporta

aquisições repetidas de tão dispendiosos complementos de «toilette», não forçar á opção d'uma côr neutra e discreta que harmonise agradavelmente com qualquer vestido.

Depois, estes, como a leitora verá n'um ligeiro exame dos modelos que publicamos, são tão simples, tão sobrios de guarnições, tão desprestenciosos de forma, que qualquer sacco de mão composto com gosto e arte condiz ás mil maravilhas com uma «toilette» simples e graciosa, preparando um conjunto interessante.

E assim com uma «toilette» singela, uma sombrinha «coquette», um chapéu sobrio, mas de linhas elegantes, uma d'essas «cloches» que a moda tanto aprecia actualmente e um gracioso sacco de mão, não ha mulher que não atraia as atenções, pelo seu «chic».





AQUI SE DIRA  
DOS LIVROS  
CUJOS AUTO-  
RES, ENVIAN-  
DO-OS A BI-  
BLIOTECA DA  
ILUSTRAÇÃO  
PORTUGUESA,  
MANIFESTEM  
O DESEJO DE  
SER FALADOS



ONDE SE CONVERSARA' COM OS  
LEITORES A PROPOSITO DE TU-  
DO E O MAIS QUE OCORRER.

### RISO DE MOMO, por Bramão de Almeida

O proprio titulo indica a natureza da obra que consiste numa série de «poesias jovias e satiricas» O sr. Bramão de Almeida metrificava com correção e tem amide graça bem portugueza. As suas redondilhas como os seus decassilabos leem-se desenfadadamente e provocam o riso, sem esforço, ou pelo menos fazem sorrir. Pertence o poeta á velha escola, o que não quer dizer que, por isso, os versos despertenciosos do *Riso de Momo* despertem menos curiosidade ou sejam destituídos de encantos. O auctor conseguiu atingir o objectivo que tinha em vista e mais nada se torna mister para que ele e nós fiquemos satisfeitos.

### O CANTO DO CISNE, por João Penha

Pertencem João Penha a uma geração famosa de que restam raros sobreviventes. Findo o curso de direito, o poeta que se celebrisára em Coimbra cantando o amor, o vinho e o presunto de Lamego, o poeta que outros filhos de Apolo enalteceram em seus versos, encaufou-se em Braga a advogar até o fim da vida, que foi diurna. Não amalhou cabedões porque ficou sempre poeta, embora fosse um grande advogado. As composições recolhidas no volume agora publicado com o titulo de *O canto do cisne*, e que são vinte e cinco, ás quaes se juntaram varios trechos de prosa dispersos, retratam João Penha ou, para melhor dizer, completam o seu retrato bem vincado, aliás, nas *Rimas* e noutros labores de alta e brilhante inspiração, por vezes risonda e até ironica. Albino Forjaz de Sampaio prefaciou a colectanea, opulentando-a com algumas interessantes informações arrancadas ao seu inesgotavel arquivo bio-bibliografico portuguez. Edição das livrarias Aillaud e Bertrand.

### A LINGUA PORTUGUEZA E OS SEUS MISTERIOS, por J. de Magalhães Lima

O eminente publicista que é Jaime de Magalhães Lima, rara elegancia moral e mental, filosofo e critico, reuniu em volume alguns breves trabalhos de sua lavra com o titulo *A lingua portugueza e os seus misterios*, titulo inspirado numa frase de Frei Manuel do Sepulcro. O illustre prosador, cuja pureza de estilo, tão musical como limpo, devia ter imitadores entre a gente moça, louva, neste livro, o grande empreendimento que representa a *Antologia portugueza*; faz o elogio do seu organizador, o professor Agostinho de Campos, de quem traça o retrato intellectual, e espalha, com mão prodiga, em mais de 150 paginas, excelentes conceitos, patrioticas reflexões, notas ricas de saber, ensinamentos preciosos que a todos aproveitam. *A lingua portugueza* merece ser lida e meditada por mestres e disci-

M. M. — A Balada do Cruzeiro, aliás de forma correcta, presta-se a interpretações desagradaveis. Hade convir o auctor em que a substituição do Cristo por um cidadão á moderna arrisca-se ao ridiculo.

MASCARA VERDE — Bonito pensamento, mal empregado nas suas quadras. As lagrimas «falando com cortezia» e a «filha d'um gemido, que nasceu sem ter rebuço», são disparates desmarcados. E disse.

KOSSUTH — Quanto mais sincero seja o seu pessimismo, mais o laslímamos. Mas será? Seja ou não, colaborarmos nele com a publicidade, é que não. Bem basta o que basta. De mais são de odio os tempos que vão correndo, para que o excerpto das suas Paginas de odio, nos mereça simpatia. Tanto mais que, se calhar, não passa tudo de literatura... E, da má!...

EMA. — Tem razão, para o chá da tarde convém um bolo seco. Quer uma receita economica? Eis a:

Deitam-se num alguidar meio kilo de farinha duas colheres de chá de creme de tartaro, uma colher de chá de carbonato de soda, meia colher de chá de sal. Batem-se aós ovos e misturam-se com o leite, juntando depois á farinha. Deitam-se o polme dentro de dois taboleiros e metem-se no forno. Quando estiver cozido, tira-se, põe-se manteiga, fazendo «sandwichs» com as duas partes. Corta-se em triângulos. Serveem-se quentes. Pode-se substituir a manteiga por doce. — D.

UMA CAMPONEZA. — Sim, pode-se conservar a creupão morta por uns oito dias, se se preparar logo, depois de morta. Deixa-se arrefecer e metem-se numa tjeia de barro vidrado, deitando-se por cima uma camada espessa de manteiga derretida e põe-se num lugar fresco. A manteiga não fica inutilizada. Quando se comer a ave, raspa-se a manteiga que serve para temperar. — D.

### Hino Espanhol

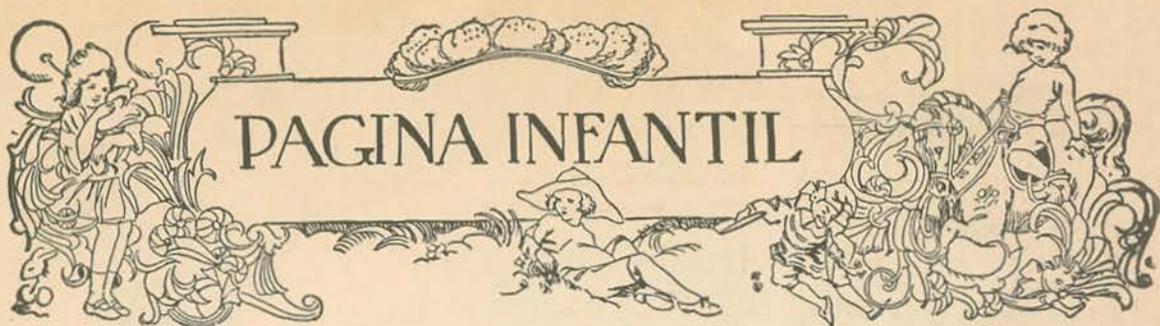
No proximo numero inserimos a musica para piano da *Marcha Real Espanhola*.

pulos, convidando frizar que Jaime de Magalhães Lima nunca deixa de ser um requintado artista, ainda quando a sua pena é guiada por uma intenção didactica. Edição das livrarias Aillaud e Bertrand.

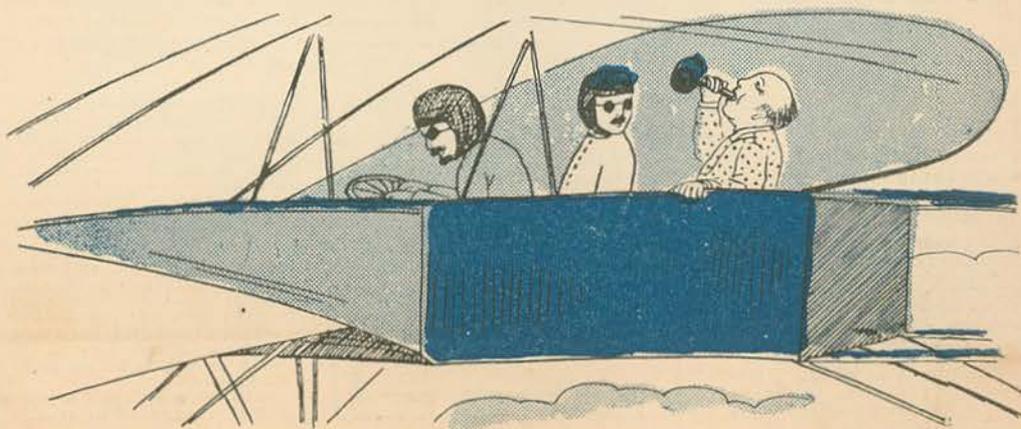
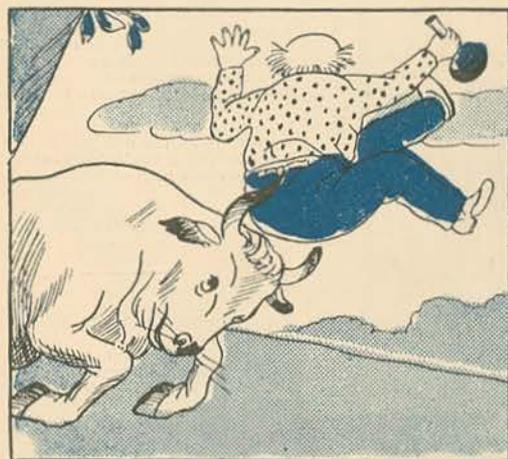
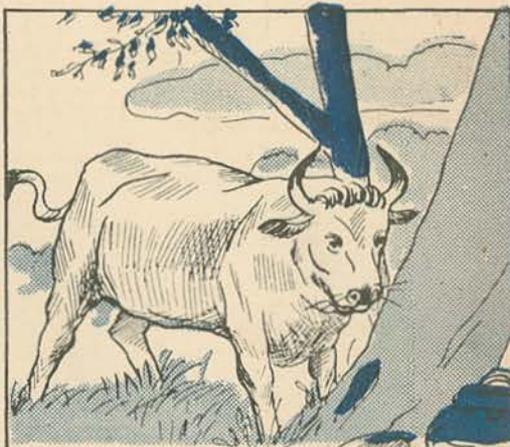
A. A.

Recebemos mais os seguintes volumes e opusculos, que agradecemos:

*Guia Pratico de Aguas Minero-Medicinaes*, pelo medico hidrologista sr. dr. Fernando Corrêa, com prefacio do professor sr. Charles Lepierre, edição da Livraria Editora Moura Marques & Filho, de Coimbra; *40 sonetinhos*, compostos sobre as quadras do concurso do «Diario de Noticias», pelo sr. Narciso A. Pereira, edição da Tipografia Comercial, Limitada, do Barreiro; *Composition des dépêches pour le Portugal (Voie d'Espagne)*, janvier, 1923, publicação da Administração Geral dos Correios e Telegrafos; *Gente Moça* (N.º 1) revista mensal, propriedade do Grupo Editor «Gente Moça», do Barreiro.



## HISTORIA SEM PALAVRAS



# ESFINGIA



(Dedicada ao meu velho amigo e dis-  
tinto colega \* \* \*)

Vi ha dias *Pinta Scenas*,  
Junto de duas pequenas,  
Mui risonho, todo ufano,  
Como sempre, brincahão,  
E fazendo a discrição  
Do nosso vasto oceano—1

## Decifrações das produções publicadas no numero transato :

*Enigma:* Ave.  
*Charadas em verso:* Coimbra—Clara-  
boa—Serpente—Arminho.  
*Enigma pitoresco:* Despreso.  
*Charadas em frase:* Temerario—Relas  
—Revista.  
*Logogrifo:* Aparentemente.

## ENIGMA

Ha uma flor que se escreve  
Com letras mui desiguais,  
D'estas, tres são consoantes,  
As outras duas, vogaes.

Primeira, tercia, segunda,  
Quarta, terceira e final,  
Dão produto indispensavel,  
Mineral ou vegetal.

A quarta, quinta, primeira,  
E segunda a rematar,  
E' instrumento *confuso*...  
Confuso p'ra decifrar.

Primeira, tercia, segunda,  
E terceira repetida,  
Sendo formosa em qualquer,  
E' bastante apeteçida.

Nada mais, isto já chega,  
Para o bom decifrador,  
Quem mandar a solução,  
Merece bem esta flôr.

Al-Baba

## CHARADAS EM VERSO

Nas escarpadas d'um monte,  
Bem proximo de Lisboa,  
Lá vivia afugentada,  
Creatura nada boa—1

Era a mulher mais preversa,  
Que pairava sobre a terra,  
E passava a sua vida,  
Pelos encostas da serra—2

Vivia do assalto e roubo  
Que seu amante fazia,  
E por este nome proprio,  
Toda a gente a conhecia.

Dó sustenido

(Dedicada aos srs. A. de Deus e Hen-  
rique de Carvalho)

Se vocês são meus amigos,  
E se não vos desagrado,  
Pecó queiram respeitar  
O meu negro e triste fado—2

Procedam sempre com metodo,  
Tenham muito juizinho;  
Não ha rosa que não tenha,  
Bom perfume a seu espinho—2

Meu amigo é quem me avisa,  
O velho rifão nos diz;  
Não sou bom quando me chegam  
Com a mostarda ao nariz...

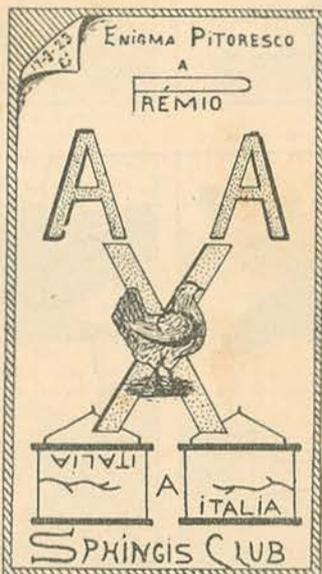
José do Nascimento

Ia mostrando á sucapa,  
Um pequenissimo mapa;  
E de lente graduada,  
Estavam juntos do rio,  
Vendo a Torre do Bugio,  
O nosso Tejo e Almada—2

E eu sempre, sempre observando,  
O rumo que iam levando  
No passeio, todos tres,  
Tomado sem cerimonia,  
Lá para Santa Apollonia  
Ou arredores talvez...

Principe Ante

## ENIGMA PITORESCO



## LOGOGRIFOS

O homem que perdeu a sua crença—3-2  
Porque se vê de gracado no mundo,—1-2  
Sonente aqueles que não tem vergo-  
nha—4-3  
E' que o conhecem muito bem a fundo,  
Homens honrados como eu bem conheço  
São objectos de muito grande apreço!...

Josolicos

(Sobre os versos A uma borboleta, de  
Bocage)

Veloz borboleta,—7-8-5-2  
que, leda girando,—10-12  
Dessas idéas  
me estás avivando.

Insecto mimoso  
aos olhos tão grato,  
da minha tirana  
tu és o retrato:

a graça que ostentas—1-8-9-2-5-6-  
7-4-3-10-11-12  
nas plumas brilhantes,  
tem ela nos olhos  
gentis, penetrantes;—1-4-7-6-13

tu andas brincando  
de flor para flor:  
Anarda vagueia—1-6-11-12  
de amor em amor.

Baal (do Spingis Club)

## Correspondencia da ESFINGIA

O premio que oferece o *Spingis Club*  
no seu enigma pitoresco, e que consta  
de um interessante assunto literario,  
será entregue, na sucursal do Rocto, á  
primeira pessoa que allí envie a decifra-  
ção exacta.

## Indicações uteis

No proximo sabado sairão publicadas  
na *Ilustração Portuguesa* as decifrações  
das produções insertas neste numero.

—Toda a correspondencia relativa a  
esta secção deve ser enviada ao *Secreto*  
e endereçada a José Pedro do Carmo.

—A director d'esta secção assiste o  
direito de não publicar produções que  
julgue imperfeitas.

—O e conferido o Quadro de Honra  
a quem envle todas as decifrações exa-  
tas, que deverão ser entregues até cinco  
dias após a saída d'este numero, as 16 ho-  
ras, na sucursal do Rocto.

—Todas as produções devem vir escri-  
tas em separado e os enigmas pitores-  
cos h m desenhados em papel liso e tinta  
da China.

—Os originaes quer sejam ou não pu-  
blicados, não se restituem.

## QUADRO DE HONRA

Alvaro Ferreira—Dols Ilricos—  
D. 1 S. Pato—Epa...nondas  
— Sillel—Luo a Lima—Pam—  
Majogo 1—lla Aldina—L ama  
— Solrac—Tup—Crespo e A.  
Viana—Club do Silencio—Sar-  
gento cronl o—Lael—Ferras.  
Ferra & Ferreira—Dama ocul-  
a—Sant' na—Tiro-Litro—  
Sorrab—Luz do Mar—Anllorac  
Sotnas

Campeões decifradores do pe-  
nultimo numero